

EDUCAÇÃO DO NEGRO E CLASSES SOCIAIS NO BRASIL

Manuel Fábio Mendes¹
Emanuela Ferreira Matias²
Lucíola Andrade Maia³

*Será...
Que já raiou a liberdade
Ou se foi tudo ilusão
Será...
Que a lei Áurea tão sonhada
A tanto tempo imaginada*

*Não foi o fim da escravidão
Hoje dentro da realidade
Onde está a liberdade
Onde está que ninguém viu
Moço...*

*Não se esqueça que o negro também construiu
As riquezas do nosso Brasil
(Hélio Turco, Jurandir e Alvinho)*

RESUMO

Este artigo trabalha a importância da escola e do saber elaborado para a humanidade, revelando como as desigualdades sociais produzem uma massa de homens, mulheres e crianças miseráveis. No caso da nossa exposição, discutimos a educação do negro e as lutas de classes no Brasil, evidenciando a exclusão e o *apartheid* em que vive a população negra do país desde o século 16 quando aportou em águas brasileiras o primeiro *navio negreiro* descrito pelo poeta dos escravos, Castro Alves, trazendo em seus porões mais de 300 escravos acorrentados para desenvolver essa colônia portuguesa e abastecer seus cofres. Estamos abordando os seus direitos sociais negados da educação escolar, das condições de vida e trabalho dos negros escravos no transcorrer da história do Brasil.

Palavras-Chaves: Educação, Negro, Luta de Classes, Brasil, Africanidades.

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Discute as temáticas movimento estudantil, política e sociedade, escrevendo uma monografia sobre educação e juventude.

² Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Pesquisa temas relacionados com a questão do negro e a aplicação da Lei 10.636 nas escolas brasileiras, discute as temáticas educação e luta de classes no Brasil, teoria crítica e educação, escrevendo uma monografia sobre a luta dos negros por educação pública.

³ Professora da Universidade Estadual do Ceará desde 1993, doutora em Educação Brasileira, coordena na Universidade Estadual do Ceará – UECE, a pesquisa: Educação, Marxismo e Formação Humana em Makarenko e Florestan Fernandes nos séculos 20 e 21.

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta reflexões sobre a educação do negro tendo como pano de fundo a luta de classes no Brasil discutindo a negação da escola e da educação sistematizada para a população negra por parte do poder público no decorrer na história do Brasil. São 500 anos de luta por espaços e participação do povo negro na vida política do país. Adotamos as ideias marxistas como referência central da nossa exposição, por compreendermos que Marx e Engels dão relevante contribuição teórica na elaboração das questões relacionada à luta do proletariado e à relação trabalho / capital. No bojo dessa discussão incluímos renomados pensadores como Gorender (1978), Ianni (1966), (2004), Meszáros (2005), Fernandes (1965), (1966), (1975), teóricos que colaboram de maneira decisiva para a formação da consciência de classes e da consciência negra em solo brasileiro; tratamos de modo breve sobre as condições de vida e trabalho dos negros nessa terra chamada *Brasilis*⁴.

2 Reflexões sobre as condições de vida do negro e classes sociais no Brasil

Segundo Marx e Engels (1998) existem duas classes fundamentais: a burguesia⁵ que outrora fora classe revolucionária na Revolução Francesa de 14 de julho de 1789, e o Proletariado que teve participação decisiva e fundamental na mesma Revolução que destronou a monarquia francesa, transformando os rumos da história e influenciando múltiplos movimentos sociais no mundo. Escrevem os filósofos na obra *O manifesto do Partido Comunista* que a luta de classes é o motor da história ao dizer que “a história de toda a sociedade até hoje é a história da luta de classes.” (MARX & ENGELS, 1998, p. 39), classes sociais com interesses completamente antagônicos, pois enquanto existirem burgueses e proletários haverá desigualdades e, portanto, lutas, duas classes que se enfrentam pelo poder social, político e econômico. De acordo com Marx e Engels (1981), os nexos

⁴É o termo utilizado para denominar o Brasil antes da chegada dos europeus à terra dos índios. Disponível em : <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/terra%20de%20brasilis/6376/>

⁵Mais informações ver MARX, Karl & Friedrich Engels. *Manifesto do Partido Comunista*.

“Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, que são proprietários dos meios de produção social e empregam trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, não tendo meios de produção próprios, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver [Nota de Engels à edição inglesa de 1888].

fundamentais que engendram as lutas de classes passam pela superação do modo de produção capitalista, das relações de exploração, da opressão, das desigualdades sociais, raciais e de classes.

No percurso da história da humanidade com a origem da propriedade privada⁶ e o processo de acumulação do capital, nasce também a exploração do homem pelo homem⁷ e, nesse decurso perverso de exploração, advêm as classes sociais: os proprietários, – a burguesia e os não proprietários, - o proletariado. A partir da lógica capitalista surgem conjuntamente com ela, as desigualdades sociais, desse modo vão se formando de um lado os poderosos e donos de grandes extensões de terras, latifundiários, e do lado oposto uma massa de pobres, excluídos que Marx e Engels (1998) denominaram de Proletariado e Florestan Fernandes (1965), (1966), (1975)⁸ em suas obras caracterizou como os trabalhadores que vêm “de baixo”. Nesse raciocínio, discutimos as condições de vida, trabalho e educação dos trabalhadores negros deserdados do saber e da escola.

Trazendo as colaborações das teses de Marx e Engels (1998) para melhor entendermos os problemas sociais no Brasil no contexto da luta de classes, analisa-se que a vida dos negros desde os primórdios foi extremamente difícil e complexa, pois o *navio negreiro*⁹ que aportou em oceano brasileiro trouxe uma imensidão de homens e mulheres no transcurso de mais de 300 anos de tráfico de pessoas negras da África para explorar o Brasil colônia portuguesa, visando enriquecer mais ainda a família Real de Portugal, abastecer os cofres do Rei, da Rainha, dos príncipes, das princesas, de toda a nobreza daquela metrópole, enriquecendo cada vez mais os ricos e empobrecendo os pobres, destruindo as vidas dos escravos negros. Para ilustrar esse pensamento, Albuquerque e Fraga Filho (2006) escrevem em *Uma História do Negro no Brasil*:

⁶ Ver mais em Engels, Friedrich. *A Origem da família, Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

⁷ Ver mais informações em Huberman, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Zahar: Rio de Janeiro. 1978. “O ponto fundamental da doutrina econômica de Marx é que o capitalismo se baseia na exploração do trabalho.” (HUBERMAN, 1978, p. 226).

⁸ Mais detalhes ver em: FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1965. FERNANDES, Florestan. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus, Editora da Universidade de São Paulo, 1966. FERNANDES, Florestan. *A universidade brasileira - reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa- Ômega, 1975.

⁹ *Navio negreiro* Poema de Castro Alves, conhecido como o poeta dos escravos e um dos mais conhecidos da literatura brasileira. O poema, descreve com imagens e expressões terríveis, a situação dos africanos arrancados de suas terras, separados de suas famílias e tratados como animais nos navios negreiros que os traziam para ser propriedade de senhores e trabalhar sob as ordens dos feitores. O poema foi escrito em São Paulo, no ano de 1869, quando o poeta tinha vinte e dois anos de idade, e quase vinte anos depois da promulgação da Lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico de escravos, em 4 de setembro de 1850.

Os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviver ao processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica. A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. Por isso nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil e a África. (Albuquerque e Fraga Filho 2006, p.39).¹⁰

Os ricos portugueses brancos expropriaram do Brasil, ouro, ferro, cobre, joias, diamantes, riquezas naturais, através do trabalho escravo. Os pobres africanos pretos, escravos acorrentados e aculturados de suas raízes naturais, construíram um império obrigados pelos chicotes dos feitores portugueses¹¹. Os negros que foram traficados para o Brasil não tinham direitos, apenas o espaço da senzala onde viviam. A vida dos negros era repleta de dores, de mãos calejadas pelas horas exorbitantes de trabalho árduo escravizado, sem remuneração, sem ganhos quaisquer, sem direito a alimentação adequada, desvalidos de tudo. Os negros escravos viviam sem escola, sem direitos, sem saúde, sem vida social. Estes eram presos a normas de seus donos e prisioneiros na senzala, viviam na miséria. Antes, no Brasil Colônia - a Senzala, e o pelourinho¹², Hoje no século 21, no Brasil Republicano - a favela e o cortiço. O ideário de liberdade e o pensamento dos negros são acorrentados e oprimidos, assim como sua cultura, sua religião e seus valores. Portanto, deserdados da escola e do saber sistematizado¹³.

3 Os negros no Brasil: deserdados do saber e excluídos da escola

No Brasil Colônia não existia um sistema de ensino mas a ação dos Padres Jesuítas com forte influência de uma educação francesa chegando ao Brasil em 1549, para instruir os filhos dos colonos; nesse cenário, os negros escravos não tinham direito ao estudo. Estes não foram incluídos, contemplados nas escolas, ao contrário, os negros eram excluídos e obrigados a trabalhar diuturnamente sem nada receber, quando desobedeciam recebiam chicotadas, alguns escravos

¹⁰ Os grifos são nossos para avivar mais ainda os números e as dores dos homens e mulheres negros na maioria da vezes trazidos acorrentados da África.

¹¹ Ver mais detalhes em: FIABANI, Ademir. *Mato, palhoça e pilão*. São Paulo: Expressão Popular. 2012.

¹² Pelourinho, popularmente designado também como picota, é uma [coluna](#) de pedra colocada num lugar público de uma [cidade](#) ou [vila](#) onde eram punidos e expostos os criminosos.

¹³ Relevante reflexão ver em: SILVA, Uelber B. *Racismo e alienação: uma aproximação à base ontológica da temática racial*. São Paulo. Instituto Lukács. 2012.

chegavam ao óbito devido aos castigos físicos e aos maus-tratos. A educação escolar era privilégio das elites nascentes.

As primeiras escolas para aprender a ler e escrever são para os colonos e os funcionários públicos para explorar a Colônia e servir a realeza. Portanto, as elites para estudar e lucrar e a massa de negros para trabalhar e viver na senzala. Foram mais de 300 anos de miséria e exploração nas costas dos negros trazidos da África para a costa brasileira com objetivos de ampliar as riquezas das elites portuguesas e das elites que se formavam na terra *brasilis*. Para ilustrar essas informações e o *apartheid* social em que o negro vive no Brasil, Florestan Fernandes (1965) escreve com bastante propriedade em sua obra clássica *A Integração do negro na sociedade de classes*:

Tomando-se em conta esse pano de fundo, parece evidente o que significa a desigualdade racial como concentração racial de riqueza, do poder e do prestígio social. Sem dúvida, o branco miserável compartilha por igual da miséria, da degradação e da corrupção desse segmento da população de cor. No entanto, a partir do nosso patamar, a população branca consegue diferenciar-se por todos os níveis da estratificação econômica e da hierarquia social, o que não sucede com os negros e os mulatos. (FERNANDES, 1965 p. 167-168).

No contexto da opressão e dominação de classes, por parte da Coroa Portuguesa, surgem as organizações populares negras. Notemos que em 1597 foram se formando os primeiros Quilombos¹⁴, ou seja, as lutas sociais e a tensão no campo e nas cidades já existiam desde o século 16 e com elas as lutas de classes afloravam. O desejo dos negros se libertarem dos mandos coloniais da senzala e do trabalho escravo se expressava desde o início de suas prisões. Os negros não foram contemplados nas escolas fundadas pelos padres Jesuítas. Para termos uma ideia da exclusão durante a história do Brasil e em tempos atuais, o acesso à educação dos negros tem sido negado pela estrutura de classes e pelo preconceito racial e social. No Brasil Colônia não havia e não há no Brasil do século 21 escola para todos, há uma grande massa, uma parcela da população excluída dos

¹⁴ Quilombo: no período de escravidão no Brasil (séculos XVII e XVIII), os negros que conseguiam fugir se refugiavam com outros em igual situação em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas. Estes locais eram conhecidos como quilombos. Nestas comunidades, eles viviam de acordo com sua cultura africana, plantando e produzindo em comunidade. Na época colonial, o Brasil chegou a ter centenas destas comunidades espalhadas, principalmente, pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas. Na ocasião em que Pernambuco foi invadido pelos holandeses (1630), muitos dos senhores de engenho acabaram por abandonar suas terras. Este fato beneficiou a fuga de um grande número de escravos. Estes, após fugirem, buscaram abrigo no Quilombo dos Palmares, localizado em Alagoas, o que propiciou o crescimento do referido Quilombo. No ano de 1670, este já abrigava em torno de 50 mil escravos. Estes, também conhecidos como quilombolas, costumavam pegar alimentos às escondidas das plantações e dos engenhos existentes em regiões próximas, situação que incomodava os habitantes. <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/quilombos/> Acesso em 21/06/2015.

bancos escolares, das universidades públicas. Para ilustrar mostramos dados do relatório *A cor da Universidade Federal da Bahia – UFBA*, em Queiroz:

A invisibilidade de uma característica como a cor num espaço de produção e transmissão de conhecimento sobre a sociedade, como é a instituição universitária poderia surpreender, não fosse a crença disseminada, de que vivemos efetivamente numa “democracia racial”. Isso transforma num fato corriqueiro o silêncio sobre a cor nos mais diversos setores da vida brasileira. Como assinalamos, até 1997 não havia na UFBA, nenhuma referência à condição racial dos alunos, como se esse fosse um aspecto absolutamente irrelevante da realidade brasileira, e, em particular, na cidade mais negra das Américas, no segundo país de maior população negra do mundo, depois da Nigéria (RIBEIRO, 1997), onde se sabe que os negros vivem em condições das mais desfavoráveis.

O incômodo em lidar com a cor está presente em muitos espaços. A UFBA não é, evidentemente, uma exceção. Em outros espaços, também acadêmicos, além do distanciamento com relação à questão, em alguns casos, os pesquisadores têm se deparado com fortes resistências institucionais para investigar acerca das características raciais dos grupos aí presentes. Esse tema está, não raro, cercado de negações, receios e reticências. A recusa de pensar-se sobre a raça/cor revela-se, com frequência, como estratégia de dissimulação de conflitos e parece ser em muitos casos, o preço da inclusão. (QUEIROZ, 1997, p. 9).

Para termos uma ideia do processo de discriminação e exclusão proposital dos negros traficados da África para construir a colônia, a primeira faculdade do Brasil foi a de Medicina fundada na Bahia em 1808 por dom João VI, cidade onde há o maior percentual de população negra do Brasil. Lá estudavam os filhos dos nobres e as famílias mais poderosas com o objetivo de formar médicos, intelectuais, homens de negócios e homens de letras para atuar a favor da Coroa portuguesa e dos nobres ricos.

Seguindo esse raciocínio, tomemos como exemplo o município de Salvador capital da Bahia, onde 86% da população é negra proveniente do processo de colonização e exclusão dos negros. Quase 500 anos após as invasões portuguesas na costa brasileira, a pesquisa *A cor da Universidade Federal da Bahia - UFBA* em Queiroz mostra dados em que os negros continuam sem oportunidades de frequentar a escola e sem acesso ao saber elaborado. Em Salvador, a cidade mais negra do Brasil, os dados são reveladores exemplo do descaso e da exclusão social e educacional as quais estão submetidos os negros:

constatamos que apesar da expressiva participação dos negros (pardos e pretos), no conjunto da população da Região (em torno de 80%), seu acesso a benefícios sociais tais como educação e trabalho é ainda bastante limitado. **Os dados sobre a situação**

educacional revelam que, com relação à alfabetização, embora o cenário mostre-se, de modo geral, animador para o conjunto da população de *dez anos ou mais*, no qual **89,7%** encontra-se na condição de alfabetizado, essa situação não se apresenta de modo uniforme para todos os segmentos raciais. Enquanto os brancos exibem níveis de alfabetização superiores ao conjunto, os pardos igualam-se à média da população e os pretos estão 8,4 pontos abaixo desta. **Os negros representam 89,6% daqueles que deixaram de se alfabetizar entre sete e quatorze anos, idade em que se espera que isso ocorra.** (QUEIROZ, 1997, p. 8).¹⁵

Como já realçamos, no Brasil colonial não havia escolas para os negros, para os pobres, para os nativos. Os negros eram tratados como verdadeiros animais de carga. Aos escravos não foi dado o direito ao estudo e ao ensino escolarizado, daí depreende-se a deficiência do governo colonial ao fundar no Brasil uma escola dirigida às elites coloniais deixando à margem os trabalhadores braçais, portanto sem escola desde os seus primórdios, formando desse modo uma massa de trabalhadores sem escolaridade, uma imensidão de homens, mulheres e crianças “analfabetas” desde a ocupação do Brasil pelos portugueses. Importante salientar que os problemas da exclusão continuam, aos negros estão destinadas as profissões braçais, forçadamente discriminatórias, frutos de uma sociedade classista e escravocrata. Assim como na atualidade continuam sendo vítimas de preconceitos raciais¹⁶ e discriminações sociais. São milhões de sem-teto, sem-terra, sem saúde, sem salários, sem escolas.

Portanto, por que os negros que construíram as riquezas do Brasil foram abandonados no meio do tortuoso caminho de lutas e sofrimentos? Por que os embates com a classe dominante portuguesa e brasileira foram tão sangrentos e sem nomear os culpados pela tortura e exclusão social e educacional as quais submeteram os negros. Saberes negados, escolas, universidades e espaços públicos e privados negados!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, WLAMYRA R e Fraga Filho, Walter fraga. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador, Centro de Estudos Afro-orientais, 2006.

¹⁵ Os grifos são nossos, objetivando realçar a condição do negro na escola e na universidade públicas.

¹⁶ Ver mais informações em Uelber B. Silva. *Racismo e alienação.* São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

CASTRO, Alves. **Tragédia no mar - o navio negreiro**. [s.l.]: ABL, 2000. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/terra%20de%20brasilis/6376/> Acesso em: 21 jun.2015.

ENGELS. Friedrich. **A origem da família, propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MARX, Karl & Friederich Engels. **Manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1965.

_____. Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

_____. Florestan. **A universidade brasileira - reforma ou revolução?** São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

FIABANI, Ademir. **Mato, palhoça e pilão**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

IANNI, Octávio. **Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1966.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. Rio de Janeiro: Ática, 1978.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

MESZÁROS. I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

Relatório raça e educação superior: a cor da UFBA - Queiroz, Dekele Mascarenhas. Disponível em : <http://23reuniao.anped.org.br/textos/0301t.PDF>. Acesso em: 21 jun. 2015.

SILVA, Uelber B. **Racismo e alienação:** uma aproximação à base ontológica da temática racial.

São Paulo: Instituto Lukács, 2012. Disponível em:

<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/quilombos/> acesso em: 21 jun.2015.

